

VIA ÁPIA*

ANGELO PATRICIO GOMES SERGIO

O lugar da psicanálise e da escola pode estar ligado por uma via própria? A questão suscita reflexão, pois se impõe relevante, à medida que avançam as relações dos sujeitos a mares, talvez nunca dantes navegados. De outro modo, o que foi dito com certa licença poética pretende dar suporte, às ponderações que apresentamos a seguir neste trabalho, onde analisamos as relações e valores que a sociedade vem consolidando, nesta recém-inaugurada etapa, denominada correntemente de pós-modernidade.

Nesse contexto há um fato ao menos, que entendemos deve merecer a atenção de todos, qual seja, o da propagação reiterada de certo discurso, que ganha força na sociedade, o qual aponta que a escola cada vez menos contribui à formação integral dos sujeitos, especificamente, as nossas crianças e adolescentes, que seduzidos pelos imperativos da pós-modernidade estariam mais e mais, apáticos às investidas educacionais da escola. O que de certa forma no estabelecimento de uma livre interpretação da realidade deixa de resto à compreensão, que a maioria das mazelas que se manifestam na escola é resultado a priori, do descompasso gerado por conta de que a escola não se adequa com o devido empenho, como propala o discurso, às exigências dos valores que a pós-modernidade introduz no espaço escolar.

Aspecto que para um crescente grupo da sociedade expressa uma justificativa capaz de explicar porque a escola, embora faça tentativas inúmeras de fazer frente às demandas apontadas no referido discurso se vê frustrada frente as crescentes dificuldades para impor limites aos processos que ali se instalam, tais como: a sexualização, a violência e a drogadição, para citar apenas os exemplos mais complexos, que solapam e sim, impõem limites severos a que a escola cumpra com seu objetivo,

* Trabalho apresentado em jornada de psicanálise do Círculo Psicanalítico do RGS em 18 de junho de 2016 dentro do curso de formação em psicanálise.

que é o de contribuir firmemente à formação integral dos sujeitos nos seus aspectos físico, mental, moral e espiritual, o que, por exemplo, aponta o Estatuto da Criança e Adolescente-ECA, ordenado pela lei 8069 de 13 de julho de 1980, no seu artigo 3º referendo que:

A criança e o adolescente gozam de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral [...] a fim de lhe facultar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social em condições de liberdade e dignidade.

O fato, é que o discurso que reprochamos, aponta que o nó causal do imbróglio dos problemas vividos pela escola reside na sua suposta inadequação, às exigências dos valores ditados pela pós-modernidade. Conjectura no mínimo inadequada que não podemos deixar de afastar com objetividade precisa por meio da reafirmação de que a escola talvez, depois da família se configura como o espaço melhor organizado para contribuir à formação integral dos sujeitos. Viés que aliás, passamos de seguida defender.

Começaremos por oferecer um contra ponto aos argumentos até aqui apresentados, o que faremos invocando outro discurso o do Filósofo Zygmunt Bauman que diz: “O amor é mais falado do que vivido e por isso vivemos um tempo de secreta angústia”. De fato, sob nosso ponto de vista tal observação tem a capacidade de dar suporte às interrogações, por exemplo, muitas vezes interpostas por pessoas comuns ou mesmo por poetas que interrogam em seus versos, por meio de frases, tais como, que país é esse, que história é essa, ou, mais correntemente, que tempo é esse, que Bauman não hesita em declarar indo além da interrogação, mais ainda, produzindo uma resposta à última interrogação: “[...] tempo de secreta angústia”. Senão o tempo da pós-modernidade, da instantaneidade, do primado da imagem, da efemeridade das experiências travadas entre sujeitos, embaladas por uma falsa sensação de liberdade que ao mesmo tempo é também embalada por uma nada falsa sensação de insegurança. Assim é o contexto, ou, os valores que instituem o contexto, em que a escola tenta dar conta de cumprir sua missão de formar e educar, embora que as interferências até aqui elencadas, promovidas por certos discursos antagônicos que de certo modo

contribuem a sua imobilidade. Mais ainda, corroboram às situações recorrentes que a sexualização prematura de meninos e meninas, que em plena fase da latência, são como que convocados a despertar para as questões do sexo, sem, portanto estarem preparados economicamente para darem conta de tal empreitada. O que poderá logo ali se constituir à vazão do sintoma neurótico ou ao universo perverso quando da determinação do alvo sexual. A violência em todas as suas formas, porém, com fulcro último na sua manifestação física, tem apontado à influência e primazia de uma atuação perniciosa desse elemento que aí, nas relações escolares joga também suas amarras cotejadas pela pulsão de morte voltada à primazia da desagregação, da destruição, do apagamento do outro. A drogadição outro flagelo que acomete a escola também empresta suas garantias da pulsão de morte. O mesmo também encontra respaldo a sua atuação na negação da autoridade, na submissão a um pai não submetido à lei, não ao nome-do-pai, mas quem sabe, ao pai da horda que tudo pode.

Nesse sentido resta ainda alterar uma última consideração para que possamos chegar à conclusão deste trabalho enunciado de onde nos debruçamos para abordar a psicanálise, por meio do universo escolar, não sem esquecer que o objeto da psicanálise é o sujeito e seu mundo psíquico. Contudo, é preciso ainda reverberar que os menores, e talvez menos protegidos sujeitos de nossa sociedade que estão cada vez mais à mercê de relações culturais que notadamente vem perturbando sua formação psíquica saudável. Motivo porque se torna mais e mais comum observar a presença, no meio escolar de sujeitos que desde tenra idade apresentam sintomas, os quais nos alertam que às defesas psíquicas dos sujeitos estão muitíssimo ativas. Por conta de tudo o que foi exposto, é que tomamos a escola como pano de fundo à integração dos conhecimentos adquiridos na psicanálise, para ao fim e ao cabo, ainda dizer que a escola precisa efetivamente estar atenta para salvaguardar as relações dos sujeitos, o que caso não se cumpra, prejudicaria o desenvolvimento sadio dos sujeitos. De modo que em um futuro próximo a escola poderá ser acusada de ter contribuído ao aparecimento de adultos que na prática estão submetidos a sofrimentos psíquicos, em grau de perigo elevado no qual a patologia se torne uma ameaça à integridade

do sujeito e a sociedade. É, neste sentido, que uma vez mais retomaremos a pergunta que deu início a este texto com que encerramos: a psicanálise e a escola podem estar ligadas por uma via própria.

Referências

BAUMAN, Z. Tempos líquidos.

<http://filosofiacienciaevida.uol.com.br/ESFI/Edicoes/58/artigo214649-1.asp>.

ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069Compilado.htmriança e do adolescente – ECA.

KUSNETZOFF, J. C. Introdução À Psicopatologia Psicanalítica. 4ª ed. RJ. Nova Fronteira, 1992.